



A PERMANÊNCIA DA DICOTOMIA SOCIEDADE-NATUREZA NO DISCURSO CARTESIANO DE SAÚDE: A SEPARAÇÃO SER-ESPAÇO

Vera Nazira Mizrahi¹

Trabalho referente à dissertação de mestrado ainda em estágio de desenvolvimento

RESUMO

O corpo como elo da relação espaço e saúde evidencia a permanência da dicotomia sociedade-natureza no discurso cartesiano de saúde, e fundamentalmente, como separação da relação ser-espaço. Assim, recorrer ao campo interdisciplinar da saúde como o foco de compreensão das relações sociedade-natureza, visa uma crítica geográfica da saúde e da medicina como possibilidade de superação das contradições espaciais. Desse modo, um caminho teórico-metodológico que se direciona a integrar sociedade-natureza, com ênfase no cotidiano e nas práticas espaciais a partir da inter-relação entre ESPAÇO-CORPO-SAÚDE.

Analisar, assim, a fragmentação do corpo como simultaneamente a fragmentação da saúde, recriando o cotidiano como recriação inorgânica da vida nas relações e adaptações do orgânico com o inorgânico que se constituem no domínio de relações de poder que é em si, um biopoder. Propusemos, um espaço como deflagrador das contradições e desigualdades sociais, no qual as fragmentações da natureza e do homem resultam em entendimentos restritos de saúde e ambiente, dificultando a seguridade e equidade das condições de vida.

Palavras-chave: ESPAÇO GEOGRÁFICO, SAÚDE E CORPO

INTRODUÇÃO

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda.

O grande debate existente na atualidade sobre a necessidade de se ultrapassar as dicotomias e a exigência do diálogo dos saberes ainda não se voltou à dificuldade chave: a problemática do método fragmentário das distintas áreas de conhecimento e suas disciplinas no entendimento da realidade. Um movimento de inflexão que ainda hoje consiste à base de análise fragmentária da realidade, baseada em muitos conceitos, noções – análises e interpretações que se alicerçam em métodos e metodologias sustentados na grande dicotomia sujeito-objeto, em nosso foco a dicotomia sociedade-natureza.

As dicotomias que sustentam os discursos e paradigmas científicos são o suporte da ciência moderna, na qual o corpo não é abordado como corpo integral, detendo recair ora sobre a vertente biológica, genética e evolucionista, ora num extremo subjetivismo, ignorando as relações orgânicas e inorgânicas que o constroem. A separação homem-natureza, homem-meio ‘expulsa’ o corpo humano

¹ MERLEAU-PONTY, 2006, p.03.



da sua mútua existência orgânica e inorgânica, construindo visões restritivas do entendimento do corpo e sua espacialidade. A ciência ocidental moderna pautada por essa visão de mundo, dividida entre a ordem social e natural deve ser assim, contextualizada a partir de uma interpretação que a situe como pertencente a modos específicos de vida, pois a produção do seu saber científico uma tentativa de racionalização da experiência vivida dos indivíduos.

A medicina segue este mesmo modelo científico fragmentário se consolidando através da (bio)medicina, reafirmando a construção social de modelos e normas da experiência e reprodução humana. A permanência da separação homem-meio na teoria e prática médica gera, por sua vez, uma super especialização do conhecimento, concentrando-se no corpo biológico e pouco dialogando com os aspectos inorgânicos e sociais. A fragmentação corpórea, assim, subsidia as análises e métodos no campo da saúde, contribuindo para a perda da dimensão espacial do corpo, pois se distâcia da visão de corpo integral e este como um ser essencialmente espacial.

Neste sentido, o paradigma da complexidade surge como um caminho para se abarque o caráter relacional e multidimensional do corpo, já que pautado pela necessidade de se romper com abordagens estruturadas em dicotomias da relação sociedade-natureza indica não apenas um caminho de método, mas que a existência de um ser múltiplo é a condição geral para a constituição do humano e das suas relações como ser natural e simultaneamente social. Incorporando a necessidade de se buscar através da teoria do conhecimento outros enfoques que estruturarem o corpo integral como fundamento metodológico da relação sociedade-natureza. Assim, é no pensamento da complexidade que “[...] o ser é pensado mais além de sua condição existencial geral (o constitutivo de todo o ser humano) para penetrar no sentido das identidades coletivas que se constituem a partir da diversidade cultural, mobilizando os atores sociais [...]”² para a construção de outro mundo e de um olhar sobre ele.

Morin (2009, p.40) também discorrendo sobre a importância da teoria da complexidade para compreensão do movimento da totalidade e das múltiplas relações, evidenciará o ser humano como um ser complexo, revelado como um

[...] ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural. O cérebro, por meio do qual pensamos, a boca, pela qual falamos, a mão, com a qual escrevemos, são órgãos totalmente biológicos e, ao mesmo,

² LEFF, 2006, p.297.



tempo, totalmente culturais. O que há de mais biológico – sexo, o nascimento, a morte – é, também, o que há de mais impregnado de cultura. Nossas atividades biológicas mais elementares – comer, beber, defecar – estão estreitamente ligadas a normas, proibições, valores, símbolos, mitos, ritos, ou seja, ao que há de mais especificamente cultural; nossas atividades mais culturais – falar, cantar, dançar, amar, meditar – põem em movimento nossos corpos, nossos órgãos; portanto, o cérebro.

Dessa maneira, é impossível abordar um corpo biológico que não seja uma relação multidimensional de existência, pois é o próprio corpo que a constrói e se reconstrói em seu movimento espacial. É a constituição da espacialidade corpórea como movimento da existência do ser que cria não só o caráter relacional do corpo, como também sua consciência de ser social.

Sendo assim, estas idéias consistem num caminho que nos permite não simplesmente evidenciar a permanência da dicotomia homem-natureza na saúde, mas revelar a integralidade da relação ser-espaco por meio da dialética saúde-doença. Ademais, se a concepção de saúde na biomedicina se fundamenta exclusivamente pela ausência de doenças e na normalização da vida, reafirmando a esfera biológica como determinação das condições ideais da vida e de como se vive, esta visão consolida a existência da natureza humana dissociada das relações corpóreas, através de um olhar restrito, não considerando sequer a manifestação de doenças com direta transmissão na interação homem-meio, apontando dessa maneira, o esgotamento da análise reducionista.

As doenças e as classificações de suas tipologias colaboram para situar as características biológicas de cada determinada patologia, tratando-a como referente a um problema no mecanismo corpóreo, mas é o modo de vida que produz determinados tipos específicos de contágio e permanência das moléstias. É por esse motivo, que a doença ao longo da história médica foi se estabelecendo como foco de atenção tanto da pesquisa como de sua prática, evidenciando que é a dimensão do corpo biológico, da sua organicidade que sofre o mal-estar, mas perdendo de vista seu caráter orgânico de ser fundamentalmente mantida e reproduzida por um corpo que é, também, social. A afirmação da (bio)medicina como paradigma ocidental consiste no pouco reconhecimento de outras esferas da saúde que tentam se focar num doente e não numa doença propriamente.

METODOLOGIA

A grande dificuldade e limitação de alicerçar um campo tão vasto de pesquisa e prática como é a área da saúde sob a ótica da biomedicina provoca uma



homogeneização no processo saúde-doença, sendo estes relativos ao corpo biológico maquímico. Nossa crítica à saúde e a medicina se consolida pela supremacia técnica e biológica no tratamento e análise da relação saúde-doença, a qual é considerada como resultados de causa-efeito e de simplesmente evolução biológica e genética. O corpo e a saúde se limitam, neste contexto, há uma única dimensão do ser, relevando a separação do ser como espaço. A relação entre medicina e saúde se torna um problema de definição e avaliação, isto

[...] porque a maioria das estatísticas sobre saúde usa o limitado conceito biomédico de saúde, definindo-a como ausência de doença. Uma avaliação significativa envolveria a saúde do indivíduo e a saúde da sociedade; teria que incluir doenças mentais e patologias sociais. Tal concepção abrangente mostraria que, embora a medicina tenha contribuído para a eliminação de certas doenças, isso não restabeleceu necessariamente a saúde. Na concepção holística de doença, a enfermidade física é apenas uma das numerosas manifestações de um desequilíbrio básico do organismo. Outras manifestações podem assumir a forma de patologias psicológicas e sociais; e quando os sintomas de uma enfermidade física são efetivamente suprimidos por intervenção médica, uma doença pode muito bem expressar-se de algum outro modo (CAPRA, 1982, p.127).

A concepção de saúde na qual a (bio)medicina ocidental moderna se fundamenta – e as implicações sociais de sua apropriação ao sistema capitalista, transformam o corpo – em corpo máquina e reafirma-o enquanto mercadoria (objeto, não apenas da medicalização, mas objeto de valor). Neste sentido, Canguilhem³ trabalha a saúde como “uma maneira de abordar a existência com uma sensação não apenas de possuidor ou portador mas também, se necessário, de criador de valor, de instaurador de normas vitais”. Dessa maneira, nem a doença pode ser tratada e ‘curada’ fora do seu quadro referencial, como a saúde não pode ser reduzida ao potencial e encarada apenas como necessidades biológicas.

Nessa nova perspectiva, a saúde deve ser compreendida simultaneamente a partir das dimensões éticas, sociais, culturais e ecológicas que são irreduzíveis para uma visão holística de saúde. A saúde, portanto, é um conceito dinâmico, multidimensional, qualitativo e evolutivo, envolvendo potenciais de realização humana em suas esferas fisiológicas, psíquicas e espirituais, sendo objeto de permanente negociação e eventuais conflitos dentro da sociedade, dependendo de como os valores e interesses se relacionam dentro das estruturas de poder e distribuição de recursos existentes. (PORTO et.all. apud Porto, 2004, p.20)

Contudo, a saúde em sua essência deve almejar a existência do ser, como corpo que produz e simultaneamente reproduz o espaço, no qual as interações; as práticas espaciais são, também, arranjos espaciais da sua relação homem-meio.

³ (1978, p.163).



Retomar o foco da medicina através da saúde, e não mais sobre a doença implica que seu método de análise já não se alicerce somente nas dicotomias, embora em casos específicos a fragmentação do corpo seja necessária para a manutenção da vida. Entretanto, a medicina curativa não pode ser a base de reprodução das relações e da existência da vida, tornando-se urgente a ênfase dada pela medicina preventiva.

A medicina preventiva que se estabelece como proveniente da medicina social, parte da inserção do indivíduo – corpo biológico inserido num contexto social que o produz e que constantemente deve restabelecer seu equilíbrio patológico diante das adversidades do sistema natural. Esta idéia de prevenção não é resultante causal do esgotamento da assistência curativa, na verdade a prevenção é a idéia originária, mas por ser uma ação interrelacional não deriva de uma abordagem pragmática e de resultados precisos. É importante compreender que se o modelo biomédico fragmentário e especializado se torna a vertente homogênea da saúde na modernidade, e é graças a sua capacidade de assistência ao corpo biológico individual, que revela os resultados imediatos do tratamento e da cura⁴. Devido a isso não podemos abrir mão dessa dimensão para galgar a plena saúde, mas esta por si só não dá conta, e longe de ter essa pretensão, da complexidade de interações que o corpo integral como modo de existência revela.

A ação preventiva da medicina está associada com ações de promoção à saúde, que são o reconhecimento da ineficiência da biomedicina nas respostas aos problemas populações de epidêmicas e riscos endêmicos, todavia, as medidas que inscrevem as ações de prevenção, ainda são em grande parte, assistencialistas e visam somente à ampliação da área de abrangência da prática curativa. Portanto, todo o processo saúde-doença que tenha como base à análise cartesiana, curativa e biotecnológica, mesmo que de alguma forma vise estabelecer pontos sob a relação homem-meio, é na verdade uma assistência médica ainda sustentada pela polícia médica⁵.

Desse modo, a consolidação de uma medicina científica se fez primeiramente por um olhar mais atento ao indivíduo, como socialização da medicina, somente num segundo momento a medicina “[...] passou da análise do meio à dos efeitos do meio

⁴ Esta idéia se opõe a cura como o nível pleno de saúde.

⁵ ROSEN, 1980.



sobre o organismo e finalmente à análise do próprio organismo”⁶. Rosen⁷ nos lembra que

Os médicos antigos e medievais, em geral, não distinguiram as diferentes doenças e se preocupavam, ao invés, com vários grupos de sintomas. Explicavam-se as evidências de desordem na saúde por meio de teorias sobre a mistura anormal dos fluidos do corpo (humoralismo) ou acerca dos estados, constrictos ou relaxados, das partes sólidas do corpo (solidismo). Enquanto essas concepções de saúde prevaleciam, os médicos não podiam concentrar-se em sítios específicos da enfermidade.

Nosso caminho de construção de um olhar geográfico sobre as problemáticas da relação saúde-doença engendram uma tentativa de reconhecer o corpo como o elo entre as práticas espaciais e a saúde, evidenciando não só o corpo como um ser espacial, mas a própria saúde como espacial. A geografia numa abordagem metodológica histórico-dialética e relacional de análise do espaço exige que este seja traduzido como coexistência, e multiplicidade, se voltando a complexidade das relações corpóreas e suas práticas espaciais, possibilitando em muitos aspectos superação das dicotomias homem-meio.

DISCUSSÕES

A formação da sociedade enquanto tal é um estado de organização numa maneira de viver – um todo orgânico que se ambientaliza como processo do ser com o espaço e como espaço corpóreo na sua relação com a materialidade da superfície terrestre. A dialética do processo saúde-doença se configura na relação da interação do corpo no ambiente e como um processo espacial, isto é, a saúde do corpo é fundamentalmente a saúde do modo de organização espacial e sua espacialidade, potencializando ou não a salubridade do ambiente, ou do espaço vivido.

As recorrentes discussões na ciência geográfica entre a geografia física e a geografia humana marcam a incansável e inesgotável, em termos metodológicos, dicotomização que evidencia a separação cartesiana e a dificuldade que o conhecimento científico apresenta na concepção de ser. A dicotomia sociedade-natureza não fragmenta apenas a dimensão epistêmica da ciência e do conhecimento, mas consoantemente, o sentido do ser e sua consciência, implicados na esfera ontológica da existência. Assim, a separação ser – espaço se revela como dicotomia das dinâmicas sociais e naturais, mas essencialmente como ruptura da relação corpórea e sua espacialidade, dissolvendo o caráter integral da natureza do homem. É dessa maneira, que o ser perde seu sentido de corpo integral reduzindo a sua coexistência mútua a parâmetros e modelos que moldam o corpo de acordo

⁶ FOUCAULT, 1998, p. 93.

⁷ (1994, p.33).



como a intencionalidade que o produz, o desumanizando e o desnaturalizando do seu sentido de espacial de ser.

LUKÁCS (2010, p.36) chama atenção de que

Não precisamos de conhecimentos eruditos para ter a certeza de que o ser humano pertence direta e – em última análise – irrevogavelmente também à esfera do ser biológico, que sua existência – sua gênese, transcurso e fim dessa existência – se funda ampla e decididamente nesse tipo de ser, e de que também tem de ser considerado como imediatamente evidente que não apenas os modos de ser determinados pela biologia, em todas as suas manifestações de vida, tanto interna como externamente, pressupõem, em última análise, de forma incessante, uma coexistência com a natureza inorgânica, mas também que, sem uma interação ininterrupta com essa esfera, seria ontologicamente impossível, não poderia de modo algum desenvolver-se interna e externamente como ser social.

O ser enquanto espécie, corpo biológico e maquímico perdem sua complexidade enquanto ser humano, especializando seu caráter relacional em uma única dimensão – se tornando num ser a-histórico, a-temporal e a-espacial. Sua dimensão social se torna determinada apenas pelo ambiente, reafirmando a fracassada idéia do caráter unidimensional de um ser – como corpo biológico. A predominância da visão mecanicista da vida não privilegia as interações do corpo com o espaço, isto é, da simultaneidade da produção do espaço como também produção do corpo dialeticamente. Nesta visão o corpo somente interage com o meio – ambiente, num processo casual de influência externas. Marx (2009, p.136) lembrará que a natureza

[...] tomada abstratamente, para si, fixada na separação do homem, é nada para o homem. [...] A natureza inteira repele por ele, portanto, apenas em forma sensível, externa, as abstrações lógicas. Ele analisa novamente nestas abstrações. Sua intuição da natureza é, portanto, somente o ato de confirmação de sua abstração da intuição da natureza, o curso gerador de sua abstração, repetido por ele com consciência.

Nosso destaque a estas questões não se aprofundam em destrinchar cada sentido de corpo que a medicina contemporânea ora toma para si, mas sim, que sentido de corpo a biomedicina ocidental produz como forma de construção de um pensamento hegemônico acerca da doença e da saúde, produzindo um olhar específico sobre o corpo. Portanto, compreender o corpo de forma relacional é perceber que seu potencial de bem-estar ao não, é conseqüência de uma enorme diversidade de fatores que o constroem e afetam sua existência humana. A confluência de fatores que indicam o estado de normalidade e as patologias se desdobram a partir da (bio)medicina numa perda da visão integral do corpo, dicotomizando-o enquanto dupla natureza. Reafirmando assim, a permanência da dicotomia homem-natureza e conseqüentemente a separação da relação ser-espaço



e homem-meio, provocando não só que o conceito de saúde se restrinja a evidências no corpo biológico, mas que a prática médica e assistencial se detenha nele.

Se debruçar num estudo sobre o espaço, ou, utilizar-se do conceito de espaço exige que este seja um produto social das múltiplas relações entre natureza e sociedade. Relação que se estabelece “não somente na produção do espaço, mas o próprio espaço como integrante na produção da sociedade”⁸. Inter-relação esta, que deve ser percebida e abordada como forma indissociável ao analisar o espaço geográfico, pois a relação sociedade-natureza é intrínseca à reprodução da própria vida, uma vez que “transformando o meio natural, o homem transforma-se a si mesmo”⁹. Sendo a relação homem-meio fundamentalmente uma relação homem-homem, um constante processo metabólico de autofazer-se. Desse modo, a diferenciação, segmentação e segregação do espaço se não dotada de uma fundamentação analítica dialética pode caminhar para a afirmação da separação das dinâmicas sociais e naturais, e num sentido de espaço sem corpo e um corpo sem espaço. A corporeidade do espaço implica necessariamente que a produção corpórea de autofazer-se se realize concretamente em termos espaciais e metabólicos. Desse modo, o ser – ser social “que não tenha sua natureza fora de si não é nenhum ser natural, não toma parte na essência da natureza. Um ser que não tenha nenhum objeto fora de si não é nenhum ser objetivo”¹⁰. E o corpo em que se assenta o homem “não é apenas ser natural, mas ser natural humano, isto é, ser genérico, que, enquanto tal, tem de atuar e confirmar-se tanto em seu ser quanto em seu saber”¹¹.

Neste sentido, é o ser corpóreo que possibilita a coexistência dos três tipos de estruturas do ser (orgânico, inorgânico e social) trabalhados por Lukács¹², abordando a simultaneidade e a relação metabólica de forma integral, onde “[...] entrelaçados um no outro, e exercem também efeitos muitas vezes simultâneos sobre o ser homem, sobre sua práxis. [...] O ser humano pertence ao mesmo tempo (e de maneira difícil de separar, mesmo no pensamento) à natureza e à sociedade”. Evidenciar a dicotomia sociedade-natureza é desvelá-la em termos de saberes científicos reducionistas e segmentados que sustentam a base de toda ciência cartesiana da medicina ocidental contemporânea. Ademais se separa-se as

⁸ MASSEY, 2004, p.19.

⁹ MOREIRA, 2008, p.65.

¹⁰ MARX, op.cit., p.127.

¹¹ (Ibid., p.128).

¹² (Ibid., p.41-42).



condições intrínsecas de existência da dimensionalidade múltipla do ser numa tentativa fracassada de ênfase,

[...] o ser inorgânico pode, de maneira dominante em escala cósmica, existir autonomamente, funcionando em conformidade com o próprio ser, sem jamais ter de confrontar-se com outro tipo do ser. Mas o ser orgânico só pode surgir com resultado do desenvolvimento de um complexo do ser inorgânico, e só como um ser persiste em ininterruptas inter-relações com o inorgânico: o ser inorgânico produz, pois, parte essencial daquilo que se pode designar no ser orgânico como ambiente dos organismos (nada muda essa situação se o fato de que para exemplares singulares, como para gêneros do mundo orgânico, este também figure como ambiente). (LUKÁCS, 2010, p.334)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência geográfica possa talvez responder ao problema que a antropologia interpretativa crítica, se coloca, isto é, como “entender a doença de forma a compreendê-la como realidade de experiências vividas e continuar a falar de processos sociais e históricos”¹³. E subsidiar que as análises sejam construídas por um corpo integral que evidencia sua condição e essência de existência numa dimensão corpórea espacial, pois “[...] só na adaptação ativa ao ambiente surge um sujeito como força conscientemente orientadora e ordenadora de tais transformações [...]”¹⁴. Tal complexidade deve “[...] nunca se deve esquecer que, na vida cotidiana, os problemas da práxis só podem emergir de modo imediato, o que, por sua vez se absolutizado acriticamente, pode conduzir a distorções – ainda que de outro tipo – da verdadeira constituição do ser”¹⁵

Com tudo isso, a contraposição rígida entre sociedade e natureza só surge por meio da teoria do conhecimento que emergem na tentativa de compreender determinados aspectos da relação homem-meio. À luz dessa mudança, analisar a fragmentação do corpo como motor das consecutivas fragmentações no campo da saúde desvenda-se como uma manipulação adaptativa de que o corpo humano responda às técnicas e normas da vida atual. Por isso, a ruptura da separação ser-espaço é, talvez, o momento socialmente decisivo de transformação, mais do que técnica ou científica, mas de estrutura social. Caminhamos assim, no intuito de esclarecer “[...] os caminhos da práxis, em um sentido cada vez mais elevado e socializado da sociabilidade [...]”, orientando-nos de que compreender o modo de vida particular e coletivo das atividades humanas é à base da “[...] constituição categorial das totalidades, da totalidade do ser”¹⁶.

REFERÊNCIAS

¹³ BASTOS, op. cit., p.67.

¹⁴ LUKÁCS, op. cit., p. 335-336.

¹⁵ (Ibid., p.69).

¹⁶ (Ibid., p. 297).



- BASTOS, L. **Corpo e subjetividade na medicina: impasses e paradoxos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, 208 p.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Trad. de Maria Thereza R. de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1978, 270 p.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação – A ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: EDITORA CULTRIX, 1982, 447 p.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal: 1998, 295 p.
- LEFF, H. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Trad. Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. Trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo editorial, 2010, 414 p.
- MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. 3º e.d. São Paulo: Boitempo editorial, 2009, 191p.
- MASSEY, D. ; KEYNES, M. **Filosofia e Política da Espacialidade: algumas considerações**. In: GEOgraphia - Revista da Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: 2004, ano VI; nº12; 7 -23 p.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 3ºe.d, 2006, 662 p.
- MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 1º e.d. São Paulo: Contexto, 2008, 188 p.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 16º e.d. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, 128 p.
- PORTO, S. M. [et al.]. **Abordagens Ecosociais: Pensando a Complexidade na Estruturação de Problemas em Saúde e Ambiente**. In: II ENCONTRO DA ANPPAS – Associação Nacional de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade. 2.,2004, Indaiatuba. GT 5: Ambiente e Saúde. Indaiatuba, São Paulo: 2004, 23 p.
- ROSEN, G. (a) **Da polícia médica à medicina social: Ensaio sobre a história da assistência médica**. Trad. de Ângela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Biblioteca de Filosofia e história das ciências; v.8 , 1980, 401 p.
- _____. (b) **Uma história da saúde pública**. Trad. Marcos Fernando da Silva Moreira com colaboração de José Ruben de Alcântara Bonfim, São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1994 – SAÚDE em Debate 74. 423 p.